



Editorial

Relatos de vocação na Bíblia

Os relatos de vocação na Bíblia cativam e desafiam, pois neles o leitor pode encontrar-se na dinâmica da vocação-missão. As questões inquietantes – Quem somos? Para que vivemos? Qual é o sentido da vida? – estão presentes também na experiência vocacional dos personagens bíblicos. Nessas histórias, percebe-se a revelação de Deus que chama e a resposta do ser humano, frágil, porém confortado pela assistência divina.

A presente edição reúne estudos sobre a vocação e seu alcance histórico e teológico no Antigo e Novo Testamento. A história de salvação-libertação acontece mediante o protagonismo corajoso de homens e mulheres que se doaram em defesa da vida, da justiça e do bem. Muitos são conhecidos, outros são anônimos. Enfim, são incontáveis as testemunhas que fazem da história humana revelação da ação divina.

O primeiro artigo, de Ildo Perondi, apresenta a vocação de Abraão. Ele é o pai da fé, pois dá início à grande aventura da inserção de Deus na história humana. O testemunho de Abraão, que responde sim ao sair de sua pátria, é movido pela promessa; é um testemunho dirigido àqueles que buscam algo mais. É como se o texto bíblico estivesse fazendo o convite: “Sai da tua terra” (Gn 12,1-3), “vem, vamos embora que esperar não é saber”. “Abraão foi reconhecido como aquele que soube superar as provas que a missão lhe impôs, e foi reconhecido fiel na prova” (Eclo 41,21). O autor elenca dez provas e sete bênçãos ao longo da caminhada de Abraão, cuja resposta é a expressão de sua generosidade e religiosidade. Deus engrandeceu seu nome (Gn 12,2), que é aumentado (Gn 17,4). Ele é amigo de Deus (Is 41,8; Jd 2,23). Este é o mais belo título de Abraão, conservado ainda nas tradições árabe e muçulmana.

Rainer Kessler investiga a vocação para a liberdade: o caso Moisés. Sua vocação justifica-se em vista da libertação do povo, pois a figura de Moisés profeta é inseparável da missão de Moisés libertador. Ele é libertador e profeta, único profeta com que Deus fala face a face (Nm 12,8); depois dele, não surgiu profeta maior (Dt 34,10-12). Por ter levado à realização a originária libertação de Israel no Êxodo, Moisés tornou-se a medida de toda profecia. Para mostrar sua importância, Kessler compara sua história com a história de Sargão I, rei da Assíria (3000 a.C.), que nasce de uma importante sacerdotisa e cresce entre gente humilde para conseguir o reinado. Moisés, ao contrário, é filho de trabalhadores forçados, cresce na corte do faraó e retorna aos seus irmãos hebreus para libertá-los. Portanto, é uma história subversiva. O relato da vocação de Moisés (Ex 3,1-4,18) contém os elementos essenciais: Deus chama Moisés, este coloca objeções à missão, o Senhor rejeita as objeções e Moisés aceita a proposta. É um dos relatos mais impressionantes de vocação e contém elementos comuns à vocação de Gedeão (Jz 6), Saul (1Sm 9-10) e Jeremias (Jr 1). A manifestação de Deus na sarça ardente é paralela à revelação do nome (Ex 3,14-15). Mais que uma afirmação ontológica do Senhor, é uma afirmação existencial de que Ele está com Moisés e lhe dá assistência na sua vocação de libertador.

Tércio Siqueira discorre sobre a vocação de Samuel. O profetismo “surgiu especialmente para apontar o erro e projetar uma sociedade diferenciada pela obediência a Javé e pela vivência ética”. O fundamento da vocação de Samuel era o resgate da prática de ouvir, estudar e proclamar a Palavra de Deus, que era rara naqueles dias. “A raridade da palavra era decorrente da desobediência e da conduta negligente de Eli e de seus familiares”. Nesse contexto, por três vezes o autor relata que o menino Samuel servia (*xarat*) a Javé. Essa avaliação é marcante e intencional (1Sm 2,12-26): o povo deve voltar a servir unicamente ao Senhor, na justiça e na verdade, e não enveredar pelo caminho do mal aos olhos dele.

Flavio Schmitt, no seu artigo intitulado “Chamado para a vida”, homenageia Dr. Milton Schwantes, grande mestre e animador da leitura popular da Bíblia, falecido este ano. Com sua sabedoria e doação, formou muitos discípulos e também missionários da Palavra. Schmitt faz uma exegese de Is 6,1-16. Isaías é profeta, mensageiro e visionário (Is 1,1); ele recebe o chamado para comunicar a Palavra de Deus ao povo de Israel. Isaías 6,1 comunica

a data da visão: o ano da morte do rei Uzias. O ano é 740 a.C. O “século de ouro” havia terminado (2Cr 26,1-15) e a crise instalara-se no reino. Começa um tempo de agitação e declínio. Judá está em vias de perder sua independência e logo se verá envolvida na guerra siro-efraimita. Também aqui a palavra profética responde a circunstâncias bem específicas: tem hora e lugar.

Passando para o Novo Testamento, Vicente Artuso reflete o caso de uma vocação que não obteve sucesso (Mt 20,16-22). Tal foi a vocação do homem que se afastou porque possuía muitos bens. Desapego dos bens materiais, seguimento, solidariedade com os pobres e vivência do mandamento do amor são temas-chave da história do jovem rico. Algumas dessas exigências não foram cumpridas, o que resultou no fracasso do discipulado. A perfeição se expressa na plenitude da lei, que é a vivência plena dos mandamentos, o ideal proposto a todos os cristãos: “Sede perfeitos como vosso pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). A falta de compreensão do significado do seguimento foi o motivo pelo qual “muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele” (Jo 6,66).

Joel Ferreira analisa a vocação de Paulo na carta aos Gálatas. Na Galácia, havia os que aceitaram o Evangelho com ardor e nele perseveraram e aquele grupo judeu-cristão, de que tão logo Paulo se afastou, que planejava voltar à circuncisão e abandonar o Evangelho da Graça. Por uma revelação interior (Gl 1,12), Paulo conectou sua vocação de apóstolo a uma “eleição” desde o seio materno. Assim, os temas da vocação e da missão são elementos interligados, pois a vocação é um “chamado para”, assim como Jeremias e Isaías foram chamados numa perspectiva de abertura e anúncio a todos os povos. Paulo se recordou que perseguiu a Igreja, fez memória de seu zelo pelas tradições paternas. Ele compreendeu a riqueza da evangelização, conseguiu superar as barreiras e suprimir as estruturas dos sistemas de escravidão.

Por fim, José Adriano Filho interpreta nos detalhes os elementos de vocação de João em Ap 1,9-11. João dirige-se a seus irmãos e companheiros na tribulação. É solidário, compartilha com eles a perseverança. Após identificar-se com os ouvintes, indica o lugar onde estava e o motivo do exílio: “Encontrava-me na Ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1,9). Depois, descreve o contexto teológico de sua experiência visionária. A expressão “fui movido pelo Espírito” (Ap 1,10) assinala o início da sua experiência. A apresentação do Cristo exaltado da visão é feita

a partir de imagens da tradição de epifanias do Antigo Testamento e da literatura apocalíptica (Dn 7,13-14). João, de forma criativa, adapta essas imagens, cria um novo retrato de Cristo e transmite uma nova mensagem às igrejas da Ásia. Sua vocação se realiza em meio a tribulações, mas, solidário, dá testemunho e deve escrever o que vê e enviar o livro às sete Igrejas (Ap 1,11).

Finalizando, há seis artigos que discutem aspectos da teologia pastoral, inicialmente com Francisco de Aquino, com “Igreja e política: abordagem teológica à luz do Concílio Vaticano II”, prosseguindo com a pesquisa sobre o “Laicato nos pontificados de Paulo VI e João Paulo II”, de Sávio Carlos Desan Scopinho. Outro aspecto é um texto resultante do relatório do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER) sobre “Ensino religioso: construção de suas tendências”, produzido por Isabel Cristina Picinelli Dissenha e Sérgio Junqueira. Ainda no campo do ensino religioso, temos o texto de Gandhy Piorski Aires e Eunice Simões Lins Gomes, “A cosmovisão como fundamento no ensino religioso: apontamentos da pedagogia Waldorf”. Apresentamos, ainda, um texto sobre a questão bíblica, o qual não está relacionado ao tema central do dossiê, que discute a construção social das vítimas em Miqueias, de Luiz Alexandre Rossi e Ivanilza Erdos. Finalizamos com o trabalho de Roberlei Panasiewicz, sobre a “Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião”. Dessa forma, concluímos mais um volume da *Pistis & Praxis* para explicitar as pesquisas no campo da teologia pastoral.

Prof. Dr. Vicente Artuso

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi

Pelo Conselho Editorial